

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 18

HISTÓRIA • MEMÓRIA • NAÇÃO



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1996

A LUSOFILIA ESPANHOLA

Vimos Portugal, Castela
quatro vezes ajuntados
por casamentos liados.
Príncipe natural dela,
que herdava todos reynados.
Todos vimos falecer,
em breve tempo morrer
e nenhum durar três anos.
Portugueses, castelhanos,
não os quer Deus juntos ver.

Garcia de Resende

Estes versos de Garcia de Resende escritos nos começos do século XVI, embora traduzam uma realidade e tradição política funesta, tiveram e têm vigência actualmente num sentido mais geral que o que lhes conferiu no seu tempo o autor do *Cancioneiro Geral*. As relações culturais e políticas também entre Espanha e Portugal, ao longo dos séculos, não foram tão fecundas como se poderia esperar entre dois povos unidos por uma história, uma geografia e quase um destino comum.

O nascimento tão pouco natural geograficamente falando de Portugal como nação, as sucessivas crises dinásticas, as invasões

* Universidade de Salamanca.

castelhanas, etc., nunca fizeram pressagiar um entendimento entre ambos os povos peninsulares. O mais chocante é que nenhum deles se habituou a essa fatídica história de separação, e mesmo hoje, com uma situação política que, de modo algum, faz pressagiar qualquer tentativa da tão secular temida absorção por parte da Espanha, continuam no Zé Povinho esses mesmos receios seculares. "Da Espanha nem bom vento nem bom casamento", dizem os portugueses e os espanhóis respondem com o desprezo e a arrogância de sempre para com um povo que consideram inferior. Unamuno palpava — e assim o manifestou várias vezes — estas decepcionantes realidades seculares, quando escreveu:

"E sendo assim, a que é devido este aleijamento espiritual e esta tão escassa comunicação de cultura? Penso que pode responder-se: petulante soberba espanhola, de uma parte, e à melindrosa suspicácia portuguesa, da outra. O espanhol, o castelhano, sobretudo, é desdenhoso e arrogante, e o português, o mesmo que o galego, é receoso e susceptível. Aqui dá por desdenhar Portugal e tomá-lo como branco de piadas e burlas, sem o conhecer, e em Portugal há mesmo quem se imaginam que aqui sonhamos em os conquistar⁽¹⁾)-

E noutro lugar:

"Ali, na esplanada, encontrei-me com um espanhol, de chapeuzinho e calças brancas que era uma delícia. Lamentava-se das horas que para as refeições têm estabelecido os portugueses, e lamentava-se também de que falem na sua endiabrada e *pobre* língua — ele não a conhece —; quanto melhor falar em castelhano! Decididamente temos que os conquistar para lhes ensinar a comer e a falar. Mormente quanto que o facto de se terem separado da Espanha foi uma picardia, conforme o espanhol do chapeuzinho e das calças brancas"⁽²⁾.

Também portugueses insignes lamentaram esta falta de

(1) Miguel de Unamuno, *Obras-completas*, Madrid, Escelicer, 9 vols. publicados, 1966-1971. A presente citação corresponde ao vol. I, p. 189. A partir deste momento — e sempre que nos refrirmos a Unamuno — citaremos por esta edição, sob a sigla OC.

0 OC, vol. I, pp. 231-232.

interesse e entendimento mútuo — eo que é ainda pior, desconhecimento — entre ambos os povos. Leiamos Vitorino Nemésio que, em 1929, escrevia a Unamuno:

"Tela sua vida [de Unamuno], pelo tom profundo e quente da sua obra, o meu amigo é o Antero dos nossos dias — um Antero com todas as condições para ser o guia da mocidade portuguesa. A primeira coisa que na sua obra impressiona é a atitude largamente desprevenida para com o meu pobre país, a que sempre deu foros peninsulares e europeus. Dos grandes intelectuais espanhóis é Unamuno o único de quem nos podemos acercar sem receio de que nos olhe de lado e por favor. Consigo é possível, sem risco da nossa individualidade de povo, trocar ansiedades sobre o futuro e pactuar uma acção redentora. Em Baroja, por exemplo, nunca li o nome de Portugal senão envolvido numa zombaria cortante. Ortega y Gasset, aliás espírito largo e nutrido, esse nem de vista parece conhecer-nos; além de que a sua obra é quase inumana, sedutora mas frigidíssima "(3).

E noutra carta de 1930:

"Houve um tempo em que o pensamento espanhol se nutriu algo de nós, embora pouquíssimos poros da vossa inteligência se abrissem voluntariamente e seu orgulho ao que podíamos dar-lhe. O seu caso é quase único. Hoje, as poucas aspirações que puderam passar de Antero e Oliveira Martins ao seu espírito, tentam regressar a Portugal enriquecidas da grave e profunda meditação unamuniana. Estamos outra vez pobres: o espírito unissonamente peninsular não desiste de refazer-se, mas haverá que esperar que a quota portuguesa se adense e que o tempo, aí, destrua as últimas altanarias alimentadas pelo Estado tradicional"(4).

Estas citações, de dois insignes peninsulares do século XX, traduzem uma realidade psicológica e sociológica latente, a nível geral, na população dos dois países, e até mesmo — ainda que menos — nos intelectuais.

(3) Ángel Marcos de Dios, *Epistolario portugués de Unamuno*, Paris, Fund. Calouste Gulbenkian, 1978, p. 242.

(4) *Idem, ibidem*, p. 250.

Aubrey Bell escreveu que nunca um povo tão pequeno, com excepção da Grécia antiga, produziu uma literatura tão importante. Pois bem, esta literatura pouco interessou os espanhóis, se exceptuarmos a época clássica — leiamos Gil Vicente, Camões, e mais nada —, o recente fenómeno de Pessoa e o mais recente de Saramago. Bem é certo que talvez a mais notável excepção é certamente Camões, lido com fruição tanto na lírica como na épica e imitado em Espanha por escritores tão originais e tão poderosos intelectualmente como Quevedo. Por outra parte, é certo também que jamais um povo tão pequeno levou a cabo tamanhos descobrimentos e navegações. Parece, no entanto, que só muito poucos espanhóis souberam dessas realidades e muitos menos ainda as estudaram.

O paralelismo, por exemplo, na colonização de América não deu lugar, quase, a estudos de autores espanhóis que abrangem Espanha e Portugal. E actualmente são muito poucos os portugueses que se dedicaram ao estudo da língua, da literatura, da história, da economia, da sociologia, etc., espanholas, e ao contrário.

Até 1640 o intercâmbio cultural luso-espanhol foi intenso: valha como símbolo dessa cultura panpeninsular o facto de que havia muitos portugueses que escreviam em espanhol, e espanhóis que escreviam em português (por exemplo, Quevedo). Domingos García Peres, no seu *Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano*, dá conta de mais de 600 portugueses que escreveram em castelhano. E não foi por causa da dominação política espanhola em Portugal que se impôs a cultura hispana: antes da anexação lusa a Espanha muitos dos maiores escritores da literatura portuguesa, como Gil Vicente, Sá de Miranda, Camões, etc., escreviam em castelhano. Foi depois desta anexação que Espanha e Portugal se separaram culturalmente.

A partir de 1640, Portugal procura com exclusividade a cultura francesa, desprezando séculos de tradição e entendimento cultural e, a partir desse momento, foram poucos os ecos espanhóis que chegaram a Portugal. Os modos de vida franceses, os modelos literários franceses, o estudo dessa língua, o entendimento político, etc., procurou a cultura francesa, quando não a inglesa (sobretudo nas orientações políticas): durante séculos tem continuado, na mentalidade portuguesa, o medo invasor do castelhano.

Só no século XIX, fundamentalmente com o Iberismo, alguns intelectuais portugueses olharam para o seu vizinho peninsular. Mas nem sempre com o claro e limpo desejo de entendimento, mas, por

vezes, apenas por puro pragmatismo político — não desprezível, evidentemente — ou por despeito patriótico e ideológico, como foi o caso de Antero.

Mas eu tenho que falar aqui da lusofilia espanhola, e não ao contrário, motivo que me conduz ao objecto directo da minha comunicação.

Na realidade, a lusofilia espanhola, entendida como o interesse pelo estudo das realidades do país vizinho em todas as variantes, nasce no século XIX, ainda que encontremos alguma notável excepção no século anterior, como Feijoo. Até ao século XVII, não se pode falar em lusofilia por parte espanhola (nem de hispanofilia por parte lusitana): a Península era entendida culturalmente como um todo, ainda que politicamente, tivesse existido sempre desde o século XII, uma consciência muito clara da diferenciação política (basta comprovar, entre um dos múltiplos exemplos, os diferentes caminhos que tomaram relativamente à empresa dos Descobrimentos).

Lusofilia e Iberismo são quase conceitos paralelos em muitos casos (sempre que nos reframos a um iberismo espiritual ou cultural, e não político: este não nos interessa, de momento, como objecto de estudo e, muito menos, como possibilidade política).

Apesar desse exíguo interesse inexplicável (baste-nos referir, a este respeito e já que estamos aqui entre intelectuais da história e da história das ideias, que devem ser muito poucos os historiadores espanhóis que conhecem com alguma profundidade alguma parcela da história portuguesa), embora haja muito notáveis excepções, da parte espanhola, esta comunicação não dá para tratar, mesmo sucintamente, de vários deles, por isso vamos cingir-nos, nesta vertente e com uma certa atenção, a três nomes importantes da cultura espanhola e universal: D. Juan Valera, D. Marcelino Menéndez y Pelayo y D. Miguel de Unamuno, ainda que venhamos a enumerar, exaustivamente, todos os lusófilos espanhóis de alguma importância nos séculos XIX e XX. Estes três homens insignes conheceram Portugal e a cultura portuguesa por diferentes motivos.

Juan Valera (1824-1905), grande amigo de Oliveira Martins, apesar de um certo cinismo e hipocrisia (desvelados através da sua correspondência privada, sobretudo a Menéndez y Pelayo) relativamente às suas opiniões sobre Portugal, foi um dos maiores conhecedores da cultura portuguesa do tempo. Eu penso — mas é uma opinião absolutamente pessoal — que, à medida que foi conhecendo Portugal e os portugueses, foi mudando de opinião e o

primitivo desprezo transformou-se em carinho pelas coisas portuguesas⁽⁵⁾.

Valera chegou a Portugal nos meados de 1850 como adido da legação espanhola em Lisboa, onde, nesta primeira estadia, só permaneceu um ano, passando depois à legação do Brasil. Residiu — ou esteve — outras vezes nesta cidade, em funções diplomáticas, nomeadamente em 1853 y em 1881-83. São muitas as cartas dirigidas à sua família e aos seus amigos, principalmente Serafin Estébanez Calderón e Menéndez y Pelayo, nas quais se refere à sociedade lusa nas mais variadas vertentes. Por outra parte, escreveu ensaios directamente referidos a Portugal ("Espanha y Portugal", "Historia de la civilización ibérica", comentário ao livro de igual título de Oliveira Martins, "El cancionero portugués", "Portugal contemporáneo", "De los autores portugueses", etc.). Nos fins do Verão de 1850 — tinha chegado a Lisboa em Junho — Valera começa sistematicamente a ocupar-se da cultura portuguesa e, em particular, da literatura, tentando, ao mesmo tempo, aprender a língua. Espírito cosmopolita e homem de mundo, frequenta os círculos mais distintos de Lisboa, acode a bailes, teatros, etc., conhece pessoas, entre elas, Almeida Garrett, "o feio, velho e asqueroso Garrett"⁽⁶⁾.

As suas apreciações sobre a cultura portuguesa, e em particular sobre a literatura, são bastante acertadas, sobretudo as literárias. Escreve a Serafin Estébanez Calderón em 1851:

"Não sei quanto é que custam os tomos que estão publicados da História de Portugal, mas é certo que esta é riquíssima pelo estilo e

⁽⁵⁾ Baseio esta afirmação no facto de que as cartas à sua família, de 1881-83, mostram um tom diferente de apreço pelas coisas de Portugal. Assim, em 1881, escreve à sua irmã Sofia: "Isto é formoso e gostarás; não duvido. Deverias vir por cá por volta de 10 de Maio, a estar comigo todo o tempo que quiseres. Em Julho iríamos a Sintra, que é divino, e antes poderíamos visitar juntos Caldas, Coimbra, Alcobaca, Porto" (Carlos Sáenz de Tejada Benvenuti, *Juan Valera. Cartas íntimas (1853-1897)*, Madrid, Taurus, 1974, p. 133). As cartas íntimas de 1850-51 revelam o seu pouco entusiasmo por Lisboa e por Portugal e as suas coisas em geral.

⁽⁶⁾ Carlos Sáenz de Tejada Benvenuti, *Juan Valera. Serafin Estébanez Calderón. 1850-1858. Crónica histórica y vital de Lisboa, Brasil, París y Dresde (como coyunturas humanas através de un diplomático intelectual)*, Madrid, Edit. Moneda y Crédito, 1971, p. 238.

pela doutrina, assim como os outros livros de Herculano, os quais, ainda que romances, merecem ser comprados. O autor mais admirado pela elegância e cultura da linguagem, depois de Herculano, talvez o único digno de ser lido de quantos hoje há neste reino é o Sr. Garrett, que tem aliás o mérito de ser chefe e fundador de uma nova escola. Tem escrito poemas, romances, poesia do romanceiro e comédias. Os seus livros mais célebres são o drama "Frei Luís de Sousa", o Romanceiro e o poema sobre Camões. Castilho, o cego, tem também fama e merecimentos. Contados estes três, as musas portuguesas, com perdão, não oferecem mais do que lixo"(7).

Noutra carta ao mesmo destinatário lamenta-se Valera do desconhecimento da cultura espanhola, da ignorância portuguesa das suas próprias coisas e da petulância que exibem os portugueses na, para eles, nefasta cultura francesa:

"Grande ignorância — escreve Valera — há em Portugal das nossas coisas, mas não é de estranhar quando se considera que das suas, ainda que poucas, sabem também muito pouco os portugueses. Aqui os que lêem, lêem livros franceses, e os que escrevem, escrevem numa gíria transpirenaica mil friezas e insolências se se consideram graciosos, e quando presumem de eruditos escrevem tão pesada e indigesta miscelânea que não há força para os ler. Salvam-se apenas deste anátema Herculano, Garrett e Castilho; mas mesmo eles têm mais fama do que merecimento⁽⁸⁾.

A arte, a paisagem de Lisboa e arredores ("Em Sintra o que fez a natureza é admirável", escreve ao mesmo interlocutor em 24-1-1851), a vida mundana, as intrigas de palácio, as revoltas dos cabralistas, a administração pública, a diplomacia, as festas populares, as lojas, o movimento da cidade, a pobreza material dos habitantes de Lisboa, tudo, realmente tudo o que é a vida de Lisboa (e, por extensão, a de Portugal), transparece ao longo das cartas e ensaios sobre Portugal.

Uma parte importante dos seus escritos — tanto nas cartas como nos ensaios sobre Portugal — tem como tema fulcral a questão

(7) *Idem, ibidem*, pp. 108-109

(8) *Idem, ibidem*, p. 123.

do iberismo. É elucidativo, a este respeito, o ensaio "Espanha e Portugal". E as suas ideias sobre o Iberismo parecem inspiradas no seu grande amigo Oliveira Martins. Também com este é consciente das dificuldades de uma possível união ibérica, ao mesmo tempo que atribui a Portugal uma identidade e consciência cultural e histórica próprias:

"Portugal — diz Valera —, ainda que é uma nação irmã, não forma parte, não é a mesma nação espanhola. A história de Portugal é tão grande, que não pode perder-se nem confundir-se na história doutro povo; mas não é esta a maior dificuldade".

[...]

A dominação dos Filipes em Portugal tirou àquele povo liberdade e não lhe deu nem força nem amparo. As ricas colónias, o hoje tão próspero Império do Brasil, talvez as tivessem defendido melhor os portugueses sozinhos, mesmo no meio da sua prostração, do que o poderoso, mas mal governado poder da Espanha [...]. Não se pode estranhar, por isso, que os portugueses suspirassem pela Independência e que a recobrassem. A chegada da Casa de Bragança ao trono foi mais popular do que o da nobilíssima e heroica dinastia de Avis. Desde então, a divisão entre a Espanha e Portugal fez-se cem vezes mais funda"⁽⁹⁾.

Na sua primeira estadia em Portugal — 1850-51— chegou a estar convencido da união dos dois países, — tais eram os ecos que lhe chegavam de muitos intelectuais portugueses..., mais preocupados, segundo ele confessa, por essa questão do que os espanhóis. Em Fevereiro de 1851 escreveu a Serafín Estébanez Calderón: "Estou com V^a Ex^a em prognosticar que se acerca a época em que os estados de Portugal e Espanha se fundirão num só. Em Madrid mal há quem se ocupe desta ideia; aqui há muitos, quase todos os homens de saber e de coração que sempre estão a pensar nela"⁽¹⁰⁾, ainda que a empresa seja difícil, visto que "uns são os que pensam assim, jovens em geral, e outros os que põem as mãos nas coisas do Governo"⁽ⁿ⁾.

⁽⁹⁾ Juan Valera, *Obras Completas*, Madrid, Aguilar, 1942, vol. III, p. 676.

⁽¹⁰⁾ Carlos Saenz de Tejada Benvenuti, *Juan Valera Serafín Estébanez...*, ed. cit., p. 116.

⁽ⁿ⁾ *Idem, ibidem*, p. 118.

Ainda não tinha reflectido sobre essa espinhosa questão, e ainda não conhecia Oliveira Martins, o mentor dos iberistas do único Iberismo possível. Mas em todas as referências de Valera à questão iberista, posteriores à primeira estadia em Portugal, traduz-se o pensamento do autor do *Portugal contemporâneo*: unidade de pensamento e acção, mas independência política. Só é possível um iberismo cultural e espiritual, nunca uma união política.

Outro importante lusófilo foi D. Marcelino Menéndez y Pelayo (1856-1912). O grande polígrafo espanhol viajou, quando novo, por terras lusitanas, tendo como motivo principal, nessa viagem, a recolha de informações literárias nas principais bibliotecas portuguesas, em ordem fundamentalmente à elaboração das suas obras *Biblioteca de traductores* e *Historia de los heterodoxos españoles* (nesta, há um capítulo inteiro dedicado aos heterodoxos portugueses), mas também recolheu materiais para outras obras. Menéndez y Pelayo considera Portugal e Espanha, culturalmente, uma mesma coisa. Poderá haver separatismo político nacional, mas nunca haverá separatismo espiritual nem literário (juízo bastante equivocado, se o aplicarmos ao século XX; mas a verdade é que tinha muita razão relativamente aos séculos anteriores). Não há, por isso — segundo ele —, história de Espanha sem Portugal e ao contrário:

"Se chegasse a realizar-se a união — escreveu — não devia adoptar-se para os povos unidos o nome desusado de Ibéria, mas o tradicional e venerando de Espanha, com o qual nos dias de Camões, como no século passado e mesmo no presente (Herculano pode testemunhá-lo) se designou a terra peninsular. Não há história de Espanha sem Portugal; não será completa a história da nossa literatura que não abranja, como parte integrante, a portuguesa"⁽¹²⁾.

Nesta apreciação, não influiu em D. Marcelino qualquer ideia imperialista ou de absorção política por parte da Espanha, mas o próprio voluntarismo cultural do erudito espanhol sobre a unidade ibérica, que servia — e com razão para uma parte muito importante

⁽¹²⁾ *Estudios y discursos de crítica histórica literaria*, Madrid, 1942, tomo V, pp. 256-257.

da historia dos dois países — a uma ideia do paniberismo étnico e cultural.

Menéndez y Pelayo, grande amigo de Valera e mestre de Unamuno, conheceu como estes a cultura portuguesa (sobretudo a literatura), ainda que os seus juízos sobre ela não sejam tão laudatorios como os de Unamuno; também é verdade que não a conhecia tão exaustivamente como o Reitor de Salamanca. Leu, para além da historiografia e literatura medievais e clássicas portuguesas, Garrett e Herculano, Camilo e Castilho, Teófilo Braga, Soares dos Passos, Serpa Pimentel, Tomas Ribeiro, Bulhão Pato, etc.

Para além das duas obras citadas, Menéndez y Pelayo trata da cultura portuguesa — e com muita atenção — noutras obras, como *Orígenes de la novela. Antología de poetas líricos castellanos, Estudios y discursos de crítica histórica y literaria*.

As suas opiniões sobre literatura — que é, de resto, o que mais tratou da cultura portuguesa — estão bastante distantes das de Unamuno, como veremos depois, ao tratar deste autor.

"Castelo Branco — escreve —, com todos os seus inegáveis dotes, é inferior a Fernán Caballero, a Alarcón, a Valera e a certo literato montanhês, grande amigo meu, que não é preciso nomear, visto que todos o conhecemos"⁽¹³⁾.

Opinião esta relativa a Camilo bastante distante, da emitida, poucos anos depois, pelo autor do *Do sentimento trágico da vida*. Castilho e Teófilo Braga são escritores bastante elogiados pelo crítico montanhês, ao contrário de Unamuno que não fala em Castilho e considera Teófilo como um "enfadonho pedante".

Como Valera — e diferentemente de Unamuno —, Menéndez y Pelayo estudou a cultura portuguesa como objecto de divagações e curiosidade; não sentiu a alma e as coisas de Portugal, não aprofundou na história deste país e, sobretudo, realmente nunca creu na superioridade dalguns literatos portugueses sobre outros espanhóis, quando havia um ponto de comparação entre eles. Mais ainda: a literatura portuguesa não foi independente, como também não o foi a catalã: as três literaturas peninsulares (castelhana, portuguesa e catalã) são uma mesma coisa:

(13) *Idem*, pp. 272

"A mania de considerar as suas letras [as portuguesas] como coisa separada faz com que os portugueses se matem o miolo na investigação das causas da nulidade do seu teatro. Não há teatro português, nem castelhano, nem catalão, há um teatro espanhol, cifra e compêndio dos ideais e sentimento da raça, como o é Camões na época erudita, ou de segunda mão [...]. Aquele teatro foi comum porque respondia ao que pensavam e criam todos" (*Estudios y discursos.* p p . 256-257).

Para ele, depois da separação, em 1640, continuou a civilização ibérica, apreciação errônea, porque a partir desse momento, Portugal, culturalmente, apenas terá olhos para a França. Mas nunca o polígrafo espanhol abandonará esta ideia, pensando que a civilização peninsular foi, é e será só uma, esquecendo os novos rumos que, sobretudo em virtude de condicionamentos políticos e estratégicos, assumirá a mentalidade portuguesa seguindo as ordens da França e da Inglaterra, que a atraçoarão em momentos decisivos de afirmação nacional, como em 1890.

Apresentemos agora o mais importante lusófilo espanhol de todos os tempos: D. Miguel de Unamuno.

A lusofilia de Unamuno daria para escrever centenas de páginas. De facto, já deu para escrever muitíssimos artigos e mais de um livro. O mais importante, no nosso entender, para o estudo da lusofilia unamuniana — e muita parte da lusofilia espanhola, em geral — é o intitulado *Unamuno e Portugal*, de Julio García Morejón (Madrid, Gredos, 2ª ed., 1971).

D. Miguel de Unamuno y Jugo (1864-1936), basco de nascimento e criação, viveu a maior parte da sua vida em Castela: em Madrid quatro anos, e desde 1891 — excepto os anos do desterro — em Salamanca. A sua vinda a Salamanca vai proporcionar-lhe a fórmula maravilhosa de unir o seu amor às Bascongadas com o de Castela, e, através deste, a toda a Península, incluindo, naturalmente, Portugal.

No século XX, nenhum espanhol conheceu Portugal como Unamuno. Paisagem, literatura, história... portuguesa, foram alvo das suas preocupações e leituras. Mesmo actualmente, conservam-se na sua Casa-Museu em Salamanca mais de 300 obras portuguesas (ao longo dos anos desapareceram muitas). Em Portugal encontrou grande parte dos melhores amigos da sua vida: Pascoaes, Eugênio de Castro, Guerra Junqueiro, etc. Em Portugal passou, segundo confessa, alguns dos dias mais fecundos da sua vida, junto de Eugênio de Castro e de Pascoais (em Coimbra e em Amarante, respectivamente).

Unamuno teve a intenção, muitas vezes, de escrever um livro exclusivamente sobre Portugal (algo que nunca pensou fazer sobre a França, a Itália, etc.). Mas por falta de tempo e outras circunstâncias puramente materiais — e nunca espirituais e de falta de afecto por Portugal —, jamais chegou a escrevê-lo. Não obstante, reuniu uma série de ensaios no livro *Por terras Portugal y de España*, para além de outros artigos — uma vintena, mais ou menos — escritos sobretudo depois da publicação deste livro. Mas, na sua vasta obra, são inúmeras, por toda a parte, as referências a Portugal e aos seus homens, paisagem, literatura, etc. Poucos escritores de todas as literaturas cativaram tanto o Reitor de Salamanca, como Oliveira Martins, Antero, Camilo, Guerra Junqueiro... Vejamos alguns exemplos dos calorosos elogios referidos a estes e outros literatos lusitanos:

"Lembro-me do cómico sorriso dum meu amigo, quando lhe disse que Oliveira Martins, o português, tinha sido um dos maiores historiadores artistas do passado século, tão grande como Michelet, ou Taine, ou Macauley, ou Carlyle, e que Camilo Castelo Branco é um romancista tão grande como os maiores da Europa. Um português? — parecia calar —. Um português? Qualquer coisa!"⁽¹⁴⁾.

"[...] como me dizia uma vez Guerra Junqueiro, o mais grande lírico português entre os vivos e hoje um dos maiores do mundo[...]"⁽¹⁵⁾-

"Oliveira Martins, de quem Menéndez y Pelayo dizia que foi o historiador mais artista que teve a Península no passado século, e eu julgo que o único historiador artista dela. O mais artista e o mais penetrante. A sua fantasia chegou a profundidades às quais a fadiga e a fatigada ciência doutros não chegou"⁽¹⁶⁾.

Amor de Perdição é "o romance de paixão amorosa mais intenso e mais profundo que se escreveu na Península e um dos poucos livros representativos da nossa comum alma ibérica"⁽¹⁷⁾.

"E, como este homem [Guerra Junqueiro], tão representativo e tão fecundo, é entre nós tão desconhecido? Chegar-lhe-á, ainda que tarde, o seu dia, como lhe chegou a Eça de Queirós, superiores um e outro,

(14) OC, vol. VI, p. 1132.

(15) OC., vol. I, p. 189.

(16) *Ibidem*, p. 192.

(17) *Ibidem*, p. 184.

em intensidade e em profundidade, a qualquer dos nossos romancistas espanhóis contemporâneos"⁽¹⁸⁾.

"O pessimismo de Schopenhauer parece-me uma posição de burguês egoísta e satisfeito, o de Hartmann um pedantismo de alemão. Talvez nem o de Leopardi nem o de Sénancour sejam tão sinceros e fundos como o de Antero"⁽¹⁹⁾.

"Quental é outra coisa. Os famosos sonetos de Antero de Quental [...] são qualquer coisa de duro e ossudo com frequência: o elemento conceptual e abstracto aparece muito descarnado, nem sempre bem recoberto pela fantasia. Mas, que fundura de desesperação! Que intensidade de angústia religiosa!"⁽²⁰⁾

"O artista foi Almeida Garrett, o homem brunido, pintado, posticho, tapando a idade, depois de se ter inventado o nome para se afidalgar"⁽²¹⁾.

Estas são apenas algumas das inumeráveis citações laudatorias de Unamuno relativas a uma parte da cultura portuguesa. Poderíamos multiplicar estas citações.

Não se encontram em Unamuno juízos tão definitivos e tão laudatorios referidos a autores espanhóis: Oliveira Martins é o historiador mais artista e mais penetrante; *Amor de Perdição* é o romance mais intenso da Península; Camilo e Eça são os romancistas mais profundos da Península; Almeida Garrett um grande artista; Antero um dos maiores pessimistas da humanidade... Cabe mais lusofilia, não só num espanhol mas em qualquer lusófilo de qualquer país?

Guiado por Oliveira Martins — como no caso de Valera — o Reitor de Salamanca assume as ideias sobre o iberismo do autor do *Portugal contemporânea*, do qual sempre se manifesta um grande admirador, tanto estético como ideológico:

"A sua *História da Civilização Ibérica* deveria ser um breviário de todo o espanhol e de todo o português culto, e também não deveria haver nenhum americano, daqueles que, tão amiúde, procuram, na nossa

(18) *Ibidem*, pp. 190-191.

(19) *Cartas de Manuel Laranjeira*, Lisboa, Portugália Editora, 1943, p. 169.

(20) OC., vol. I, p. 190.

(21) *Ibidem*, p. 207.

história e casta, os antecedentes da sua, que não conhecesse este livro admirável. Em vez de repetir os lugares-comuns relativamente ao que foi a alma espanhola nos tempos dos descobrimentos e conquista da América, seria bom ir procurar em livros como o de Oliveira Martins riquíssimas sugestões"⁽²²⁾.

Unamuno sonha com uma ressurreição dos heróis antigos da epopeia dos descobrimentos e com uma acção espiritual comum:

"E quem sabe se, como Vasco da Gama, Colombo, Balboa, Magalhães, ibéricos que descobriram, cingindo-a, a redondeza do mundo físico, geográfico, outros ibéricos, navegadores da alma universal, haverão de descobrir a redondeza e formação de um novo mundo espiritual, psicográfico"⁽²³⁾.

Unamuno participava com os seus amigos dos ideais peninsulares, dos ideais da cultura peninsular, sem desprezar qualquer delas. Num intenso epistolário com Joan Maragall, o autor de *Por terras de Portugal y de España* intercambiou ideias sobre Portugal, sobre o iberismo, mas sempre sob a perspectiva da necessidade de cooperação e entendimento cultural, para o qual nada melhor do que uma revista que exprimisse e reflectisse sobre a identidade e os sentimentos de todos os povos da Península, sem qualquer suspicácia de imposição violenta. Vejamos uns trechos desse intercâmbio publicado por Unamuno, anos depois, num artigo intitulado "Ibéria".

"Não há muitos anos, o inesquecível Maragall, meu amigo da alma, e eu projectávamos ter fundado uma revista, que haveria de ter-se chamado *Ibéria* e estar escrita nas línguas literárias da Península: castelhano, catalão e português.

[...]

O projecto era então pouco exequível, mas agradava-me. Agradava-me chegar a ter um órgão de aproximação espiritual entre os povos ibéricos de diferentes línguas. Aproximar-se espiritualmente é conhecer-se cada vez melhor. E o meu sonho e empenho tem sido que nos conheçamos, ainda que seja para dissentir. Sei que conhecendo-

⁽²²⁾ *Ibidem*, p. 190.

⁽²³⁾ OC., vol. III, p. 821.

-nos melhor nas nossas diferenças respectivas e mútuas, chegaremos também melhor a conhecer o nosso comum espírito ibérico, o que nos une em face à diferença comum com os demais povos irmãos em humanidade.

Sim, que nos conheçamos, ainda que seja para dissentir. Sem estes dissentimentos interiores, e por assim dizer domésticos, não há vida que valha a pena ser vivida. Temos que defender o que nos diferencia tanto como o que nos une.

[...]

Ibéria. Um órgão em que os diferentes povos que a integram nos comuniquemos nas próprias línguas. E tenha-se em conta que não abjuro dos meus desejos e das minhas esperanças, em relação ao porvir dessas línguas e à sua fusão, um dia. Mas nunca pela força! Nunca aplaudiria métodos como os que para a germanização linguística empregou a Alemanha na Alsácia e Lorena e na Polónia. A unidade é boa e santa, mas quando é violentada, não é unidade.

[...]

Ibéria. Que esta revista, nascida [*não se chegou a publicar*] ao trágico calor da guerra, sobreviva à paz e que sirva de lar em que aprendamos a conhecer-nos os diferentes povos ibéricos, a conhecer o que nos diferencia, que é, por sua vez, o que nos une; em que aprendamos também a dissentir com clara consciência dos nossos dissentimentos. E que ninguém de fora venha a querer organizar-nos [...] Que nos deixem a cada um de nós como somos! Mesmo os nossos defeitos nos são mais queridos do que as suas virtudes. Fiquem, pois, com elas!!!⁽²⁴⁾.

E para concluir com este *conspectus generalis* — porque só foi isso o que fiz — acerca destes três autores, quero terminar com umas palavras de D. Miguel de Unamuno, que fariam suas todos os verdadeiros lusófilos: "É uma obra de amor e de cultura fazer que Portugal e Espanha se conheçam mutuamente. Porque o conhecer-se é amar-se. O conhecimento gera amor e o amor conhecimento. São, no fundo, uma só e mesma coisa vista por fora ou por dentro", escreveu Unamuno a Pascoaes⁽²⁵⁾.

⁽²⁴⁾ OC, vol. IV, pp. 536-538.

⁽²⁵⁾ *Epistolario ibérico. Cartas de Pascoaes a Unamuno*, Nova Lisboa (Angola), Câmara Municipal de Nova Lisboa, 1957, p. 36.

Como última referência acerca da lusofilia espanhola, quero fornecer essa prometida enumeração dos espanhóis que se preocuparam com a cultura portuguesa: uns com maior importância, outros com menor. Já indicamos o nome de Feijoo no século XVIII. Mas são os séculos XIX (a partir da 2ª metade) e o século XX — como já dissemos — os que produziram um considerável número de intelectuais preocupados com a cultura do país vizinho.

No século XIX, para além de Valera e Menéndez y Pelayo, encontramos como lusófilos de alguma importância Donoso Cortés e Jaime Balmes, Joaquín Costa e Angel Ganivet, Emilia Pardo Bazán...

No século XX: Ramiro de Maeztu (deu aulas na Faculdade de Letras de Lisboa e foi um importante lusófilo, mas quase sempre desde uma perspectiva puramente política; o "Prólogo" à *La alianza peninsular* é uma boa prova), Eugenio D'Ors (que trata com conhecimento e carinho muitos aspectos da cultura lusitana), Azorín, Salvador de Madariaga, Ildefonso Manuel Gil (com várias traduções e ensaios, sobretudo sobre poesia), Valle-Inclán (tradutor de várias obras de Eça), António Machado, Juan Ramón Jiménez, Joan Maragall, Ernesto Giménez Caballero (autor do livro *Amor a Portugal*) Andrenio, Ramón Gómez de la Serna, Eugenio Montes, Gregorio Marañón, Ramón Menéndez Pidal, Dámaso Alonso, Gómez de la Serna, Rodríguez Marín, Eugenio Asensio, Gerardo Diego, Julio García Morejón, José Ares Montes, Pilar Vazquez Cuesta, Alonso Zamora Vicente... e outros.

É curioso o caso de Ortega y Gasset, que tendo vivido vários anos em Portugal, nunca se refere a ele. Numa palavra, grandes intelectuais do nosso século já se preocuparam com alguns aspectos da cultura portuguesa, mas não com a atenção que merecia e em muitos dos casos acidental ou tangencialmente.

Não incluímos nesta enumeração os iberistas no pleno sentido político, tanto monárquicos como federalistas e outros.

A partir dos anos 60 — e especialmente nestes últimos anos —, foram traduzidas muitas obras da literatura portuguesa. Um rol bastante completo das traduções de literatura portuguesa para o espanhol, de estudos sobre autores portugueses e sobre literatura comparada hispano-portuguesa, de 1895 a 1985, foi publicado por Manuel Correia Fernandes, *Literatura Portuguesa em Espanha (1890-1985)* (Porto, Livr. Telos Editora, 1986), com índices muito elucidativos.

Actualmente — depois duma vintena de anos em que foram criadas cadeiras de Português no ensino superior — há algumas

dezenas de professores universitários — e não só universitários espanhóis que já publicaram alguns estudos (teses de doutoramento, e vários outros livros) acerca da cultura portuguesa em geral, mas sobretudo de literatura.